

Filosofia, ofício do escritor e tecnologia: discussões atuais e atemporais

Philosophy, writer's craft and technology: discussion
current and timeless

Felipe Figueira¹

Instituto Federal do Paraná – IFPR, Campus Paranavaí

Rogério Seixas²

Doutor em Filosofia pela UFRJ

40

RESUMO

O objetivo do presente artigo é analisar as relações entre a filosofia, o ofício do escritor e a tecnologia, tecendo considerações que caminharão pelo plano do atual e do atemporal. Para embasar o trabalho, autores como Nietzsche e Edgar Morin, tendo por norte a perspectiva nietzschiana de enxergar a vida e, no caso, a tecnologia, além do bem e do mal. Além disso, o diálogo com outras áreas do saber, como o xadrez, permitirá problematizar como que é possível uma simbiose entre o ser humano e a tecnologia.

PALAVRAS-CHAVE

Escrita; Tecnologia; Inteligência Artificial

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the relationships between philosophy, the writer's craft and technology, making considerations that will cover the current and the timeless. To support the work, authors such as Nietzsche and Edgar Morin, having as a guide the Nietzschean perspective of seeing life and, in this case, technology, beyond good and evil. Furthermore, dialogue with other areas of knowledge, such as chess, will allow us to discuss how a symbiosis between human beings and technology is possible.

¹ E-mail: felipe.figueira@ifpr.edu.br

² E-mail: rogeriosrhb@gmail.com

KEYWORDS

Writing; Technology; Artificial intelligence

“Estou com raiva sem saber de quê.
Deve ser meu romance talvez a causa”.
(Gustave Flaubert, 2005, p. 59).

“Há momentos em que tenho vontade de chorar. É preciso uma
vontade sobre-humana para escrever e eu sou apenas um homem.”
(Gustave Flaubert, 2005, p. 59).

INTRODUÇÃO

Como a tecnologia encontra-se relacionada ao ofício do escritor? Como a filosofia ajuda a problematizar a escrita? De que modo a educação tem recebido a influência dos meios digitais? Essas questões, potentes no cenário contemporâneo, trazem consigo aspectos atuais e atemporais. Atuais, pois com o avanço da inteligência artificial, a exemplo do ChatGPT, o ofício do escritor e o cenário educacional têm se questionado sobre os benefícios e malefícios desse tipo de tecnologia; e atemporais, pois filosofia e tecnologia fazem parte da humanidade há milênios.

A título de exemplificação, o filósofo grego Aristóteles define que no plano prático, “Naquilo que resulta da técnica, somos nós que fazemos a matéria ser em vista da função, ao passo que, nos entes naturais, a matéria já se encontra dada em vista da função.” (ARISTÓTELES, 2009, p. 47). O filósofo descreve o que se denominava enquanto *téchne* e que chamamos hoje de técnica ou tecnologia, enquanto uma produção (*poieis*), isto é, é a arte ou ciência de trazer à existência por parte de um artesão ou um médico, algo que não existia na natureza. Desta forma, pode ser definida como uma atividade prática, intermediada pela razão. Neste sentido, a *techne* imita a natureza (*physis*), não no sentido de achar que esta possa ser imitada, mas sim na condição de uma força dinâmica, criativa e produtiva, presente tanto no ser humano quanto no mundo. Mas o filosofar, assim como a escrita, fazem uma separação, enquanto atividades ou artes humanizantes. Eis, portanto, discussões milenares envolvendo a filosofia e a tecnologia.

1 O XADREZ E O USO DE COMPUTADORES

“Você sabe quantas páginas eu vou completar dentro de
oito dias desde que voltei daí? Vinte. Vinte páginas
em um mês trabalhando sete horas por dia; e qual
o resultado de tudo isto?”
(Gustave Flaubert, 2005, p. 59).

O Campeonato Mundial de Xadrez de 2021, disputado entre Magnus Carlsen e Ian Nepomniachtchi, se deu em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos. Na rodada 6 desse Campeonato deu-se a partida mais longa já disputada em uma busca pelo título mundial: foram 136 lances, até que Carlsen, então o campeão, pôde derrotar o desafiante ao título. Ao acompanhar as mais de seis horas de jogo, era possível sentir a tensão dos jogadores, em especial a de Nepomniachtchi, que perdeu a partida e, depois, o título. Há anos com a coroa de campeão, Carlsen, em 2022, desistiu do novo desafio, que seria com o mesmo oponente de 2021, e a disputa passou a ser entre o russo e Ding Liren, sendo que este se sagrou campeão.

A questão é que na época de Raul Capablanca e mesmo na de Bobby Fisher, a questão tecnológica era diferente da época de Carlsen. A tecnologia já existia, por meio de livros e de diversos estudos enxadrísticos, porém, não no nível que se encontra em 2023, em que a força de um computador ultrapassa facilmente os 3000 de rating. Para efeito de comparação, Carlsen teve rating máximo de 2882. Com isso significa que o xadrez encontra-se no fim? Não, mas ele adquiriu uma nova roupagem, sendo que os estudos de abertura, para jogadores de elite, são todos plenamente estudados, de modo que é difícil conseguir uma vantagem significativa nessa etapa do jogo. Por causa dessa complexa dinâmica é que Carlsen propôs à Federação Internacional de Xadrez (FIDE) alterações nas regras para o Mundial de Xadrez, propondo mais partidas rápidas, porém, os desejos do grande mestre não foram aceitos e nem, por isso, o xadrez deixou de ser jogado.

42

Há inúmeros casos de expoentes jogadores de xadrez, como Garry Kasparov, que jogaram contra máquinas, ora as derrotando e ora as vencendo; na verdade, por causa da força de rating das máquinas, elas mais vencem do que perdem. Mas, com isso, significa que as pessoas então preferem assistir as máquinas disputando entre si? Não, antes preferem ver os grandes jogadores em combate, sob o auxílio inegável que as máquinas oferecem. Trata-se de um interessante caso de simbiose entre homem e máquina, como problematiza Edgar Morin em “Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro”: “[...] ficaremos submissos à tecnosfera ou saberemos viver em simbiose com ela?” (MORIN, 2001, p. 74).

Para trazer a discussão para o campo da educação, o que é possível perceber, e isso enquanto educadores que vivenciamos o cenário da pandemia de Covid-19, é que a educação é mais do que ensino, é convivência comunitária, é cuidado, é um olhar nos olhos dos alunos. A tecnologia existiu, existe e existirá, é impossível pensar uma sala de aula sem computadores e é impossível pensar a educação desvinculada da sociedade, contudo, o culto à tecnologia traz em si problemas, sendo que a tecnologização se torna uma das formas, segundo Masschelein e Simons, de se domar a educação: “[...] a tática de domar da tecnologização refere-se à busca por critérios e garantias técnicos onde o objetivo se torna a otimização do desempenho técnico” (MASSHELEIN & SIMONS, 2019, p. 122).

Além disso, é preciso ver a tecnologia como muito além dos computadores, pois um quadro e uma carteira, assim como as peças de um tabuleiro de xadrez, são em sua essência aparatos tecnológicos feitos pelo homem em prol do homem. Todavia, se tudo

isso pode se voltar contra o ser humano, o que também é possível, trata-se de contemplar um dos paradoxos da existência.

2 A ESCRITA E A TECNOLOGIA

“O resultado? Amarguras, humilhações internas, nada em que se amparar a não ser a ferocidade de uma fantasia indomável”.
(Gustave Flaubert, 2005, p. 59).

Há milhares de anos que a figura do escritor é associada a uma caneta e a um papel. Com o advento das máquinas de escrever e dos computadores, o escritor também é associado a um teclado. Ninguém poderá dizer que o lápis, a caneta e o papel não são tecnologias avançadas da humanidade, por mais que salte aos olhos o que um computador e uma impressora 3D possam fazer. A questão é que há milhares de anos a tecnologia encontra-se nas mãos do escritor, de modo que o que ele observa, e acompanha, é um avançar desses equipamentos. Algumas tecnologias lhe agradam mais, outras menos. Há quem prefira fazer um trabalho “mais manual”, deixando primeiro o texto manuscrito para só então digitar. Com isso, trata-se de um desprezar da tecnologia “mais avançada”? De modo nenhum, pois isso seria um pensamento errado, conforme destaca Paulo Freire, em “Pedagogia da Autonomia”: “Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado.” (FREIRE, 2008, p. 33).

É fato que a Inteligência Artificial (IA) assusta o universo dos escritores, e isso para falar em um sentido amplo, pois somos escritores e professores. Enquanto escritores, podemos afirmar que há colegas que sentem preocupação, por exemplo, com o ChatGPT, pois de fato esse aparato tecnológico é potente em criações e tem um futuro imenso pela frente, que ninguém consegue prever até onde irá; porém, a maioria dos escritores que conhecemos segue a vida que seguia, utilizando de aparatos tecnológicos tanto quanto possível, para próprio benefício, mas não deixam o papel e a caneta de lado. É certo que nessa seara há pessoas que usam a Inteligência Artificial para aumentar exponencialmente o currículo, mas essa é uma discussão ética que geraria outros trabalhos.

Quanto ao universo escolar, também é certo que os trabalhos escolares, que por tantas vezes receberam plágios de enciclopédias e de sites da internet, agora podem receber o respaldo, por exemplo, da IA, mas ainda assim o papel do professor, e talvez até por causa disso, seja de alta importância, afinal, é próprio do magistério a luta pela emancipação estudantil, sendo que toda forma de dependência, seja ela emocional ou tecnológica, acaba por prejudicar o ser humano. Eis o alerta de Rogério de Almeida quanto ao ChatGPT:

Ele consegue organizar, mas, ao mesmo tempo, é incapaz de um pensamento crítico. Por isso, ele não vai, por exemplo, substituir os textos de jornalistas, não vai substituir os dos pesquisadores, ele não

43

vai substituir, vamos dizer assim, aqueles textos que têm a ver justamente com a necessidade de um pensamento crítico, da nossa criatividade. (ALMEIDA, 2023).

Para seguir no horizonte dos alertas, o que se visualiza na educação e, também, na escrita, é algo que Hannah Arendt chama de “conservação”. Nas palavras da filósofa:

A fim de evitar mal-entendidos: parece-me que o conservadorismo, no sentido de conservação, faz parte da essência da atividade educacional, cuja tarefa é sempre abrigar e proteger alguma coisa – a criança contra o mundo, o mundo contra a criança, o novo contra o velho, o velho contra o novo. Mesmo a responsabilidade ampla pelo mundo que é aí assumida implica, é claro, uma atitude conservadora. Mas isso permanece válido apenas no âmbito da educação, ou melhor, nas relações entre adultos e crianças, e não no âmbito da política, onde agimos em meio a adultos e com iguais. Tal atitude conservadora, em política – aceitando o mundo como ele é, procurando somente preservar o status quo -, não pode senão levar à destruição, visto que o mundo, tanto no todo como em parte, é irrevogavelmente fadado à ruína pelo tempo, a menos que existam seres humanos determinados a intervir, a alterar, a criar aquilo que é novo. (ARENDDT, 2009, p. 242).

44

É esse aspecto, que busca conservar o essencial, é que permite que um Cervantes ou um Homero possam ser lidos hoje (ou depois de amanhã) como atemporais. Quem não se emociona com esse pensamento de Cervantes:

- Olha, Sancho, um homem não é mais que outro se não faz mais que outro. Todas essas tempestades que nos acontecem são sinais de que logo o tempo vai acalmar e vão nos acontecer coisas boas, porque não é possível que o mal ou o bem durem sempre, do que se conclui que, havendo o mal durado muito, o bem já está perto. Então, não debes te impressionar com as desgraças que me acontecem, pois a ti não te cabe parte delas. (CERVANTES, 2013, p. 212).

E, por fim, quem não se angustia com o retorno infundável de Odisseu a Itaca? Os grandes textos são atentos à admoestação de Sebastião Salgado: “Ninguém tem o direito de se proteger das tragédias de seu tempo, porque somos todos responsáveis, de certo modo, pelo que acontece na sociedade em que escolhemos viver.” (SALGADO & FRANCO, 2014, p. 93).

3 A TECNOLOGIA ALÉM DO BEM E DO MAL

“Mas envelheço, e a vida é curta”.
(Gustave Flaubert, 2005, p. 59).

Em “Além do bem e do mal”, Nietzsche (2001) dizia que tudo o que se faz por amor está além do bem e do mal. De modo análogo, até porque esse pensamento tem servido de norte a este trabalho, a tecnologia deve ser vista além do bem e do mal. Com isso significa criar um ceticismo generalizado, um perigo alertado por Edgar Morin (2003, p. 61)? De modo nenhum, mas, perceber que um dos “saberes necessários à educação do futuro” é a incerteza, e esta não permite nem o ceticismo generalizado e nem a crença sem razão: trata-se, antes, de um cuidado profundo do indivíduo para com as coisas, o que, nos termos de Freire, tem a ver com “rigoriedade metódica” (FREIRE, 2008, p. 26).

Pode parecer banal um texto não taxativo sobre a tecnologia, ou que não traga visões apocalípticas, mas, assim procedendo, cuidamos de não nos alhear às demandas do nosso tempo, bem como de observar as várias metamorfoses que se passam com o passar do tempo. O que muitos podem ver como um movimento tecnológico destrutivo, o que não significa que os tempos não estejam cada vez mais rápidos e líquidos, como alertou Bauman, nós preferimos vê-lo como uma consequência de um movimento milenar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

45

“ Estou triste como um cadáver, com um aborrecimento desmedido. Minha sagrada ‘Bovary’ me atormenta e me consome”.
(Gustave Flaubert, 2005, p. 88).

Pode parecer um clichê, mas é impossível concluir um texto que verse sobre filosofia e tecnologia. Há questões levantadas ao longo do texto de ordem a afetar o universo do escritor e de ordem a afetar a sociedade como um todo. Até que ponto será possível distinguir o texto produzido pela IA do criado pelo ser humano? Até que ponto os benefícios da IA não se converterão em malefícios? Até que ponto é possível dimensionar os limites e possibilidades da IA? Eis questões que estão longe de quaisquer respostas, no entanto, é preciso esboçá-las, pois, apesar de tudo e contra tudo, o ser humano vive, também, o “aqui agora”.

É preciso impor limites ao avanço da IA. Porém, quem colocará esses limites? E quais limites serão esses? É preciso que a IA produza benefícios, e não malefícios. Porém, como pensar o bem e o mal, e como pensar o bem e o mal em si? É preciso que o ser humano não seja substituído pelas máquinas. Porém, como se dará essa proteção? A Constituição Federal de 1988 expressa: “Art. 7º São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social: XXVII - proteção em face da automação, na forma da lei” (BRASIL, 1988); contudo, se não for a educação o meio mais viável para essa proteção, qual outro será? Mas, também a educação não tem recebido, em demasia, os efeitos da IA? As questões, longe de se

extinguirem ou diminuïrem, se multiplicam, e nós, escritores e amantes do saber; não vamos pelo calor do momento, mas, também, não podemos deixar de senti-lo. Somos eruditos, mas não pessoas que cultuamos o conhecimento pelo conhecimento (FIGUEIRA, 2018, p. 94; FIGUEIRA, 2015, p. 26; NIETZSCHE, 2001, p. 67). Porque não promovemos o referido culto; pois isso, como bem diagnosticou Nietzsche, é uma artimanha da moral, também não demonizamos a tecnologia, por ser uma forma de pensar errado, o que resulta, enquanto algo trágico, que o debate permaneça aberto e, com ele, que venham questões e mais questões enigmáticas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. de. *Na educação, o ChatGPT não estimula o pensamento crítico [Entrevista]*: Rogério de Almeida diz que a ferramenta é capaz de organizar os dados de forma coerente, mas é incapaz de um pensamento crítico. *Jornal da USP*. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/na-educacao-o-chatgpt-nao-estimula-o-pensamento-critico/>. Acesso em: 01 ago. 2023. 2023.
- ARENDRT, H. *Entre o passado e o futuro*. Trad. de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- ARISTÓTELES. *Física I-II*. Tradução de Lucas Angioni. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2009.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em 01/08/2023.
- CERVANTES, M. *Dom Quixote de la Mancha (vol. 1)*. Trad. de Ernani Ssó. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.
- FIGUEIRA, F. L. G. *Nietzsche e o eruditismo*. Curitiba: Editora CRV, 2018.
- _____. *Nietzsche e o eruditismo: uma introdução a uma nova concepção de formação*. (2015) Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2015.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FLAUBERT, Gustave. *Cartas Exemplares*. Trad. de Carlos Eduardo Lima Machado. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- MASSCHELEIN, Jan & SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola: uma questão pública*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. Trad. de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SALGADO, Sebastião & FRANCO, Isabelle. *Da minha terra à Terra*. Trad. de Julia de Rosa Simões. São Paulo: Paralela, 2014.

Submetido: 18 de junho de 2023

Aceito: 18 de julho de 2023